

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE ARTES

CURSO DE ARTES VISUAIS

JADNA DEYSE DA SILVA DANTAS

LINHA, FORMA E COR

A construção do elemento geométrico pictórico

Uberlândia
2019

JADNA DEYSE DA SILVA DANTAS

LINHA, FORMA E COR

A construção do elemento geométrico pictórico

Monografia apresentada ao Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Freitas.

Uberlândia

2019

JADNA DEYSE DA SILVA DANTAS

LINHA, FORMA E COR

A construção do elemento geométrico pictórico

Monografia apresentada ao Curso de
Artes Visuais da Universidade Federal
de Uberlândia, como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel
em Artes Visuais.

Uberlândia, 18 de dezembro de 2019.

Prof. Dr. Rodrigo Freitas (Orientador)
Universidade Federal de Uberlândia - MG

Prof.^a Dr.^a Ana Helena da Silva Delfino Duarte
Universidade Federal de Uberlândia – MG

Prof.^a Ms. Maria Carolina Rodrigues Boaventura
Universidade Federal de Uberlândia – MG

Aos meus pais e avós.

AGRADECIMENTOS

Meus primeiros agradecimentos são para meu orientador Prof. Dr. Rodrigo Freitas, por toda paciência e principalmente por todo conhecimento compartilhado para a produção deste trabalho. Desde meu primeiro contato com a pintura através do curso, ele se fazia presente, me orientando e fazendo-me entender meu objeto de estudo.

A meus avós maternos Vicente e Pedrosina, que desde pequena me proporcionaram o contato com a arte, quando me repassaram seus conhecimentos adquiridos ao longo da vida, o contato com a cerâmica e o desenho fora de suma importância para o despertar artístico, e acidentalmente me direcionaram ao caminho que trilho atualmente, sou extremamente grata.

A minha Mãe Maria Da Paz e Tia Ducilene, por todo apoio e incentivo ao longo da graduação.

A todos professores, artistas e colegas de curso, que me inspiraram ao longo do curso, principalmente na construção e percepção artística.

A todos minha imensa gratidão.

“Todos nós sabemos que a Arte não é a verdade. A Arte é uma mentira que nos faz compreender a verdade, pelo menos a verdade que nos é dado compreender. O artista deve convencer outros da veracidade de suas mentiras. “

Pablo Picasso

RESUMO

A utilização de linhas e cores para a criação de peças, bem como o abstracionismo geométrico, vindas do movimento neoconcretista do Brasil, permitiram aos artistas liberdade de criação e, aos observadores, a liberdade de interpretação. Este trabalho apresenta o processo de desenvolvimento de uma série de produções baseadas, a partir de uma perspectiva própria da autora, ao interpretar as obras do movimento. Buscando referências nas pinturas realizadas por artistas marcantes, objetivou-se a produção de uma série de pinturas que remetesse ao abstracionismo geométrico, urbanismo, padrões e combinações de cores que propiciassem interpretação de acordo com o próprio observador, sem deixar óbvia a percepção da artista em relação às suas próprias obras. As obras resultantes são concisas e coerentes com a proposta inicial e apresentadas, ao final deste, expondo as influências do movimento na produção da série Linha, Forma e Cor.

Palavras chave: Arte, abstracionismo geométrico, urbanismo, pintura, linha, forma, cor.

ABSTRACT

The use of lines and colors for the creation of pieces, as well as geometric abstractionism, coming from the neo-concretist movement in Brazil, allowed artists freedom of creation and, to observers, freedom of interpretation. This work presents the process of developing a series of productions based, from the author's own perspective, when interpreting the works of the movement. Searching for references in the paintings made by outstanding artists, the objective was to produce a series of paintings that would refer to geometric abstractionism, urbanism, patterns and combinations of colors that would provide interpretation according to the observer himself, without leaving obvious the perception of the artist in relation to her own works. The resulting works are concise and coherent with the initial proposal and presented, at the end of it, exposing the influences of the movement in the production of the series Line, Form and Color.

Keywords: Art, geometric abstractionism, urbanism, painting, line, shape, color.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Painel de azulejos, Entrequadras 307/308 Sul, Igrejinha Nossa Senhora de Fátima, 1957. Foto: Ricardo Padue.

Figura 2 – Painéis de azulejos, Centro Cultural Missionário da CNBB, 1995. Foto: Edgard César.

Figura 3 – Painel e azulejos, Parada de descanso, Parque da cidade, 1985. Brasília DF, Brasil. Dimensões 212 x 1820 cm.

Figura 4 – Obra: Casas de Itanhaém, 1948. Técnica: Têmpera sobre tela. Dimensões: 65,2 x 81.5 cm.

Figura 5 – Obra: Casario, 1950. Técnica: Têmpera sobre tela. Dimensões: 46.00 cm x 60.60 cm.

Figura 6 – Obra: Planos sobre superfície modulada 5, 1957. Técnica: Tinta alquídica e nitrocelulose em compensado.

Figura 7 – Obra: Planos em superfície modulada 4, 1957. Tinta fórmica industrial em madeira.

Figura 8 – Obra: Plano em superfícies moduladas nº 2, 1956. Tinta industrial s/ celotex, madeira e nulac, 90,1 x 75,0 cm. Doação MAM-SP. Acervo MAC-USP

Figura 9 – Obra: Superfície modulada 1955. Pintura industrial em papel Eucatex: 61,9 x 91,6 cm (24/16 x 36 1/16 polegadas) Emoldurado: 29 5/8 x 40 de 7/8 x 3 polegadas (74,6 x 103,8 x 7,6 cm)

Figura 10 – Título: Metaesquema, 1958. Técnica: Guache sobre cartão. Dimensão: 55,0 x 63,9 cm.

Figura 11 – Título: Grupo frente, 1956. Técnica: Óleo sobre madeira. Dimensões: 67,8 x 117,2 cm.

Figura 12 – Sem título, 1956. Técnica: Guache sobre papelão. Dimensão: 40.9 x 40.9 cm.

Figura 13 – Obra: Sem título. Técnica: Desenho computacional. Ano de produção 2016. Acervo próprio.

Figura 14 – Obra: Sem título. Técnica: Têmpera sobre papel, 20 x 15. Ano de produção 2017. Acervo próprio

Figura 15 – Obra: Sem título. Técnica: Desenho computacional. Ano de produção 2018. Acervo próprio.

Figura 16 – Obra: Sem título. Técnica: Desenho computacional. Ano de produção 2018. Acervo próprio.

Figura 17 – Obra: Sem título. Técnica: Desenho computacional. Ano de produção 2018. Acervo próprio.

Figura 18 – Pré produção. Técnica: Desenho computacional. Ano 2018. Acervo próprio.

Figura 19 – Obra: Linha, Forma e Cor 3. Técnica: Acrílica sobre tela. Dimensão: 40x40. Ano 2018. Acervo próprio.

Figura 20 – Pré produção. Técnica: Desenho computacional. Ano 2018. Acervo próprio.

Figura 21 – Obra: Linha, Forma e Cor 5. Técnica: Acrílica sobre tela. Dimensão: 40x40. Ano 2018. Acervo próprio.

Figura 22 – Fotografia: Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (Perspectivas). Acervo próprio.

Figura 23 – Fotografia: Teto da Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (Vista interna). Acervo próprio.

Figura 24 – Estudo da imagem para produção pictórica. Manipulação gráfica. Acervo próprio.

Figura 25 – Fotografia: Teto da Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (Vista interna). Acervo próprio.

Figura 26 – Estudo da imagem para produção pictórica. Manipulação gráfica. Acervo próprio.

Figura 27 – Fotografia: Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (Perspectivas). Acervo próprio.

Figura 28 – Estudo da imagem para produção pictórica. Manipulação gráfica. Acervo próprio.

Figura 29 – Obra: Linha, Forma e Cor 7. Técnica: Têmpera sobre tela. Dimensão 70x80. Ano 2019.

Figura 30 – Pré Produção - Linha, Forma e Cor 7. Técnica: Desenho computacional. Ano 2019.

Figura 31 – Obra: Linha, Forma e Cor 8. Técnica: Têmpera sobre tela. Dimensão 70x80. Ano 2019.

Figura 32 – Pré Produção - Linha, Forma e Cor 8. Técnica: Desenho computacional. Ano 2019.

Figura 33 – Obra: Linha, Forma e Cor 9. Técnica: Têmpera sobre tela. Dimensão 70x80. Ano 2019.

Figura 34 – Pré Produção - Linha, Forma e Cor 9. Técnica: Desenho computacional. Ano 2019.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
PRELÚDIO	11
NEOCONCRETISMO	13
ARTISTAS REFERÊNCIA	14
Athos Bulcão (Formas geométricas e combinações)	14
Alfredo Volpi (Geometria e exaltação da arquitetura)	17
Lygia Clark (Construção geométrica)	19
Hélio Oiticica. (Construção geométrica e plasticidade)	22
INSERÇÃO (Curso de Artes Visuais)	25
SÉRIE LINHA, FORMA E COR (Produção pictórica)	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

Este memorial versa sobre minha produção plástica, a partir de um diálogo com obras e artistas específicos que embasam a leitura crítica aqui proposta. O conjunto de trabalhos Linha, Forma e Cor, evoca a plasticidade geométrica recorrente no neoconcretismo, que embasa minhas investigações pictóricas bem como as referências teórico-artísticas.

Com este memorial abordo minhas escolhas plásticas que culminaram no atual trabalho. Para tanto, parto dos relatos e memórias da minha infância, em que a arte era sempre presente, para configurar a origem das inquietações pessoais trazidas visualmente por meio da pintura. Meu processo de criação parte, pois das memórias e vivências para construir no plano pictórico formas e cores relacionadas ao meu contexto, geo-espacial e também simbólico. Uma imagem é sempre mais do que aquilo que ela nos dá a ver, partindo dessa premissa, interessa-me investigar a visualidade por aquilo que permanece velado. Enquanto estudante, a minha fascinação pela liberdade que tinha quando me relacionava com textos, produções e histórias das artes, na maneira que eu poderia interpretá-los, crescia à medida que o curso avançava. Me vi próxima do Movimento Neoconcretista e passei a identificar uma grande afinidade com ele. Assim como todos os artistas que começaram o movimento, sempre ansiei por ter a sensação de leveza, de subjetividade. Ao conhecer suas origens, a imposição, a métrica, passei a olhar com mais carinho para o abstracionismo, em especial, geométrico. Admirava as obras e suas formas peculiares e sem começo ou fim, mas repletas de continuidade. Dentre os participantes do movimento, me sentia mais compatível com Lygia Clark e Hélio Oiticica. Em cada um destes me identificava com algo, e a junção destas características inspirou a desenvolver a minha produção artística em série.

Sabendo de minhas inspirações artísticas, tive ainda outras referências que me auxiliaram a desenvolver meu processo de criação, meus professores que, também me ajudaram a estabelecer um diálogo com outros artistas como, por exemplo, Athos Bulcão e Alfredo Volpi. Foram muitas experiências, técnicas e práticas que me foram propostas e proporcionaram aprender muito mais do que pintura, me ensinaram a dar voz aos meus sentimentos e percepções do mundo e, colocar estes, em produções.

Meu trabalho ao longo desse processo de pensamento crítico resultou em um conjunto de trabalhos que, progressivamente tornou minhas escolhas plásticas mais conscientes. São obras compostas por linhas e traços, gerando formas geométricas abstratas; em tons terrosos e cinzas, remetendo às origens das matérias primas urbanas; em níveis subjetivos, trabalhando com bi e tridimensionalidade, além de propor uma experiência visual estimulante.

PRELÚDIO

A arte esteve presente em minha vida desde muito cedo. Ainda criança, com idade em torno de oito anos, as aulas de artes passaram a ser uma das minhas favoritas. Canetas e papéis coloridos, gizes de cera e tintas, afluíam minha criatividade. Fiquei fascinada com a liberdade de poder expressar ali, naquele pedaço de papel, meus pensamentos naquele momento, sem julgamentos sobre o que era permitido, certo ou errado. Ali colocava histórias em forma de traços e cores, rabiscos imprecisos. Rabiscos sobre princesas e castelos, monstros e heróis. Rabiscos que continham sentimento, de aventuras vividas com os amiguinhos de escola, de brincadeiras na rua em um fim de tarde.

Com o passar do tempo o fascínio pelo desenho só aumentava. Lembro que toda semana meu pai me dava uma revistinha de Mangás e, a partir destas revistas, fui descobrindo e criando afinidade pelo desenho em grafite: apenas traços precisos, tudo em preto e branco. Minhas técnicas foram tomando exatamente essas formas, as mesmas que havia descoberto nos Mangás.

Na infância, temos curiosidade e criatividade de sobra e gastava as minhas em todo tempo livre que tinha registrando, em meu pequeno caderno de desenho, as coisas que via em volta. Passei a desenhar lugares, casas, edifícios e paisagens. Desenhava o tempo todo. Na escola, durante uma das aulas, lembro que uma de minhas professoras enviou a minha mãe uma notificação. Nela, descrevia que eu estava, distraída e dizia não que prestava atenção nas aulas, pois ficava o tempo todo desenhando. Minha mãe não me repreendeu, pelo contrário, elogiou os desenhos que estavam em meus cadernos. Mas ali, percebi que precisava equilibrar as coisas. Apesar de minha escola incentivar o lado artístico, também precisava ser boa nas outras matérias.

Ao mudar de escola, tive uma professora que escrevia muito na lousa, e ela também gostava de ilustrar os textos que escrevia no quadro. Um dia ela descobriu que eu gostava de desenhar, então passou a me chamar para ir até a lousa e fazer as ilustrações para ela. A partir deste momento, passei a perceber que realmente era capaz de executar bons desenhos e comecei a enxergar meus rabiscos com outros olhos. Lembro que comecei a receber encomenda de desenhos dos meus

colegas de sala, pedindo para que eu desenhasse seus personagens de animação, os heróis que eles viam na TV.

A escola sempre promovia concursos artísticos, de desenhos, dança, canto e outros. Lembro que até consegui ganhar um deles com uma de minhas ilustrações. Apesar de se tratar de uma escola pública, sinto que não só eu, mas todos os outros alunos foram muito privilegiados ao passarem por aquela escola, que sempre incentivou e apoiou tanto o lado artístico e criativo de todos.

À medida que fui crescendo, fui perdendo o interesse e entusiasmo que tinha pelas artes enquanto criança. Fazia apenas quando era extremamente necessário, quando era para algum trabalho ou algo relacionado. Não me lembro ao certo quando e porquê, simplesmente havia perdido o gosto pelo desenho, e passei a deixar guardado em uma gaveta meus materiais, que antes tinha tanto apreço.

Foi então que chegou o momento em que iria para a Universidade e que eu deveria fazer a escolha do curso. Na época, optei por arquitetura e, por infortúnio do destino, não consegui. Acabei ingressando no curso de zootecnia, do qual desisti após alguns períodos. Após a frustração decidi reservar um tempo para pensar sobre o que eu realmente queria. Todas as vivências e experiências que havia tido, enquanto criança e adolescente, falaram mais alto e me fizeram optar pelas Artes Visuais.

Ingressei no curso e comecei a minha trajetória. Ao longo destes, fui adquirindo experiências e conhecimentos, me descobrindo artista e me redescobrindo enquanto pessoa. Ao me deparar com produções nos ateliês, me sentia realizada e via a liberdade que de criação que possuía. Conheci tendências, movimentos e técnicas e, dentro dessas me vi apaixonada pelos pilares do neoconcretismo.

NEOCONCRETISMO

O Neoconcretismo surgiu no início da década de 1950, por artistas do Grupo Frente, no Rio de Janeiro, e do Grupo Ruptura, em São Paulo. Foi um movimento que pregava o subjetivismo da arte e da criação artística, reagindo ao excesso de racionalismo, objetividade e dogmatismo geométrico antes imposto sobre os artistas pelo concretismo. Apresenta características marcantes, antes não experimentadas, como a interação do público com a obra, abstracionismo no uso de cores e formas geométricas, transcendência da arte, existencialismo e humanismo. Instaurou-se como um movimento de artes, abrangendo plásticas, esculturas, performances, literatura, entre outras. Ao longo do processo de fomentação do neoconcretismo, o movimento se dividiu em duas linhas de produções, sendo a primeira relativa a produções sensoriais e interação direta com os espectadores e a segunda, referente à combinação de técnicas e matérias.

A partir do surgimento do neoconcretismo, pintores como Lygia Clark e Hélio Oiticica começaram a produzir obras que expressavam a sua liberdade artística. A junção de cores com traços produziam figuras que podiam ser interpretadas por seus espectadores de maneira subjetiva. Eram realizadas obras que, a partir da percepção do observador, tomavam rumos diferentes.

A geometria e a percepção visual eram marcas presentes em todas as obras e buscava, de acordo com a percepção de cada artista, proporcionar diferentes experiências. Alguns dos artistas se baseavam em mosaicos e padrões repetidos, onde não é possível determinar especificamente seu começo e fim. Outros propunham representações cotidianas e urbanas através da combinação de elementos geométricos e outros, ainda, em pinturas que davam sensação de dimensões diferentes das que eram apresentadas.

O desenvolvimento deste memorial é intimamente relacionado com o movimento neoconcretista, em suas influências, tendências, técnicas e resultado. Assim como os artistas referência do movimento, este trabalho objetiva a produção de uma série de obras por meio de combinações de técnicas e traços geométricos, com a finalidade de propor uma experiência de interpretação livre aos observadores.

ARTISTAS REFERÊNCIA

Athos Bulcão

Nascido no Rio de Janeiro, em 02 de julho de 1918, fora uma criança tímida, que ficou órfão de mãe ainda muito cedo. Sua família apresentava interesse por artes e o levavam com frequência ao teatro, exposições, espetáculo e óperas. Devido ao ser caráter tímido e introspectivo, misturava fantasia e realidade em seu cotidiano e, se descobriu nas artes, graças a uma série de acasos, como suas amizades. Aos 21 anos, foi apresentado a Portinari e trabalhou como assistente no Mural de São Francisco de Assis, na Pampulha, o que rendeu a ele conhecimento sobre desenhos e cores. Passou a planejar as cores antes mesmo de iniciar a pintura e acreditava que o artista tinha que saber o que fazer ao produzir alguma obra.

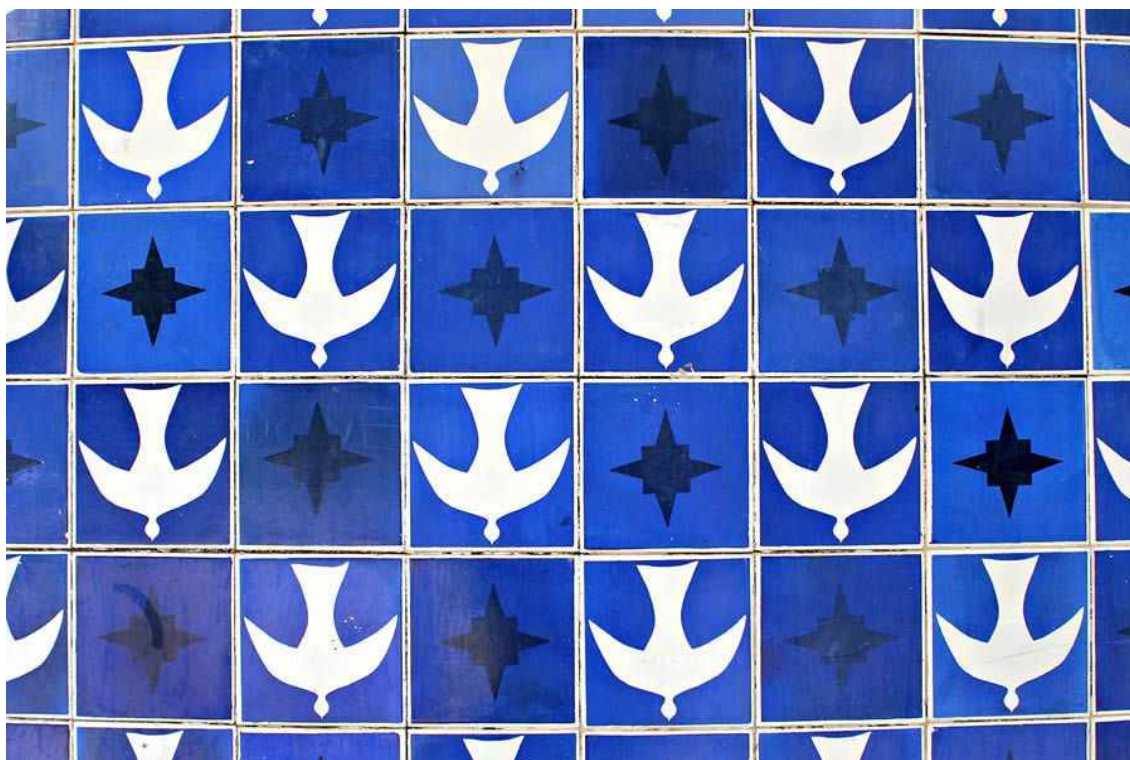
Ao estudar as obras de Athos Bulcão, fortemente vinculadas ao cenário urbano, a riqueza e especificidade de seu trabalho em painéis de azulejo, vindo através da tradição ceramista influenciada pelos portugueses. É considerado um artista múltiplo, por sua facilidade de trabalhar em diversas áreas das artes plásticas e dominar diferentes técnicas e ainda, o maior artista em integração da arte na arquitetura do território nacional. Seus painéis, espalhados por diversos cantos do país, concentrados principalmente em Brasília, possuem uma composição figurativa extremamente bem pensada e construída, assim como as cores que utilizava. Suas obras e a forma como são bem planejadas e construídas, mesmo em composições de grande escala, possuem encaixe e a continuidades de padrões não monótonos. Athos produzia buscando a aproximação entre o espectador e a obra e, por isso, possui tantas obras em locais públicos, como muros e empenas. A aplicabilidade de sua obra é um dos principais objetivos na arte abstrata geométrica e estas acabam em exposição contínua e livre, não confinadas em galerias, museus ou instituições.

Athos transfere para sua criação qualidades de seu caráter: afabilidade e cordialidade. Seus painéis de azulejos cumprem função especial em Brasília - cidade, às vezes, inóspita: aproximam, dialogam, oferecem sombra, proporcionam bem-estar; não são colocados para preencher algum espaço não resolvido, são pensados desde o início do projeto do edifício. (MORAIS, 1998).

Em Brasília, o processo de construção da cidade, permitiu que Athos testasse os padrões das peças, através de mecanismos simples como rotação e variação. Os padrões gráficos são concebidos através de linhas e cores puras, em escala variante de formas primárias conjuntas a uma série de linhas e a mudança entre cores primárias e secundárias.

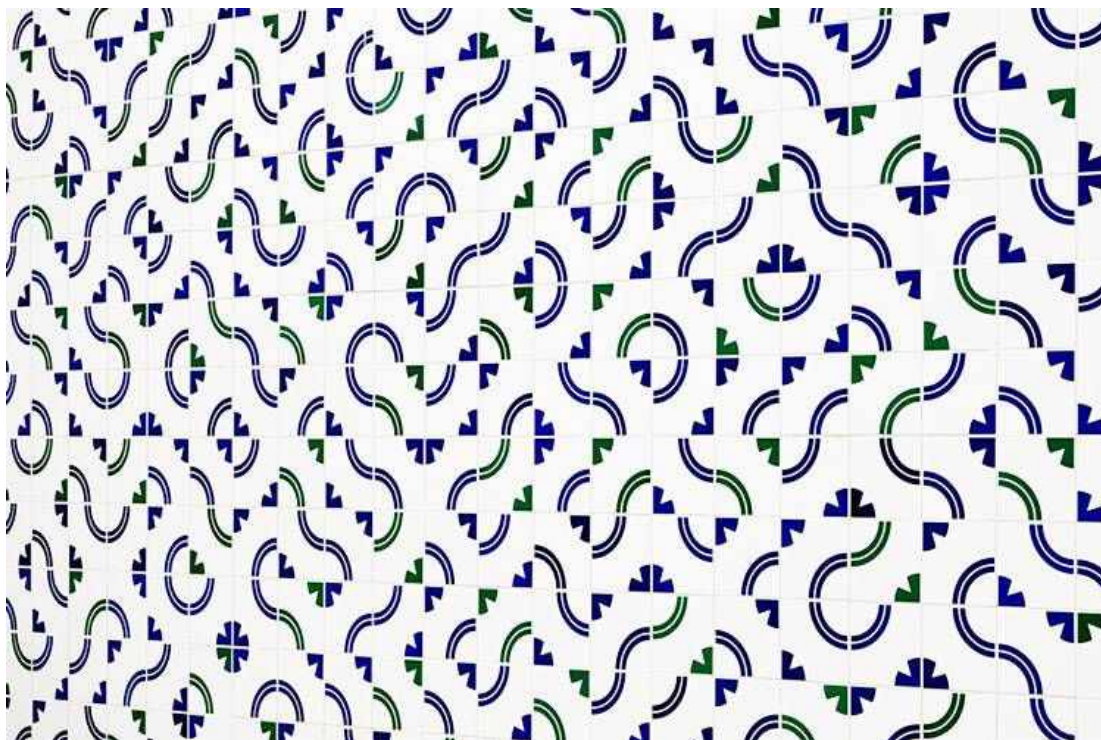
O principal motivo por Athos ser minha referência, é o estudo das formas e suas possibilidades, através da combinação de traços e linhas. Seu trabalho apresenta subjetivismo e, parte do observador, determinar a direção de suas obras, se horizontal para cima ou para baixo. Ainda, utiliza formas rotacionadas gerando novas formas a partir da mesma. Por último, em comum, temos a falta de imposição de tendências de começo e fim, deixando o observador livre para entender a continuidade dos padrões dentro das obras e imaginar fora das telas. Como pode ser visto em seus trabalhos nas imagens a seguir.

Figura 1 - Painel de azulejos, 1957.



Disponível em: <<https://fundathos.org.br/images/galerias/86/lgrejinha%2001.jpg>> Acesso em 19 de Abr. 2019.

Figura 2 - Painel de azulejos, 1995.



Disponível em: <<https://abrilveja.files.wordpress.com/2018/07/entretenimento-athos-bulcao-20180702-0003.jpg?quality=70&strip=info&w=750>> Acesso em: 01 de Jun. 2019.

Figura 3 - Painel de azulejos, 1985.



Disponível em: <<https://fundathos.org.br/images/galerias/120/Parque%20da%20Cidade3.jpg>> Acesso em: 19 de Abr. 2019.

Alfredo Volpi

Na cidade de São Paulo, em 14 de abril de 1896, nascia Alfredo Volpi. Aos 15 anos, Volpi iniciou seu trabalho artístico pintando murais decorativos. Trabalhou em seguida com óleo sobre madeira e se consagrou como um mestre utilizando têmpera sobre tela. Era um grande colorista e, criava através das formas, composições de grande impacto visual. Realizou sua primeira exposição em 1943, aos 47 anos e logo após, na década de 50, evoluiu para o abstracionismo geométrico. Foi um dos mais importantes pintores brasileiros contemporâneos, um dos grandes nomes da segunda geração do modernismo. Conhecido como artista que dava importâncias a técnicas e materiais, tanto que desenvolveu sua própria maneira sistemática de trabalhar, confeccionando suas próprias telas, tintas e pigmentos.

Artista pioneiro no uso das cores e têmpera, assim como suas obras que exaltam e valorizam o meio urbano brasileiro, características que possuem grandes referências ao meu trabalho. Volpi criava as paisagens em suas telas, exaltando as formas geométricas e as cores fortes de tons naturais. Compartilhamos a exaltação da cor, o tracejado geométrico e a complexidade de elaboração da imagem.

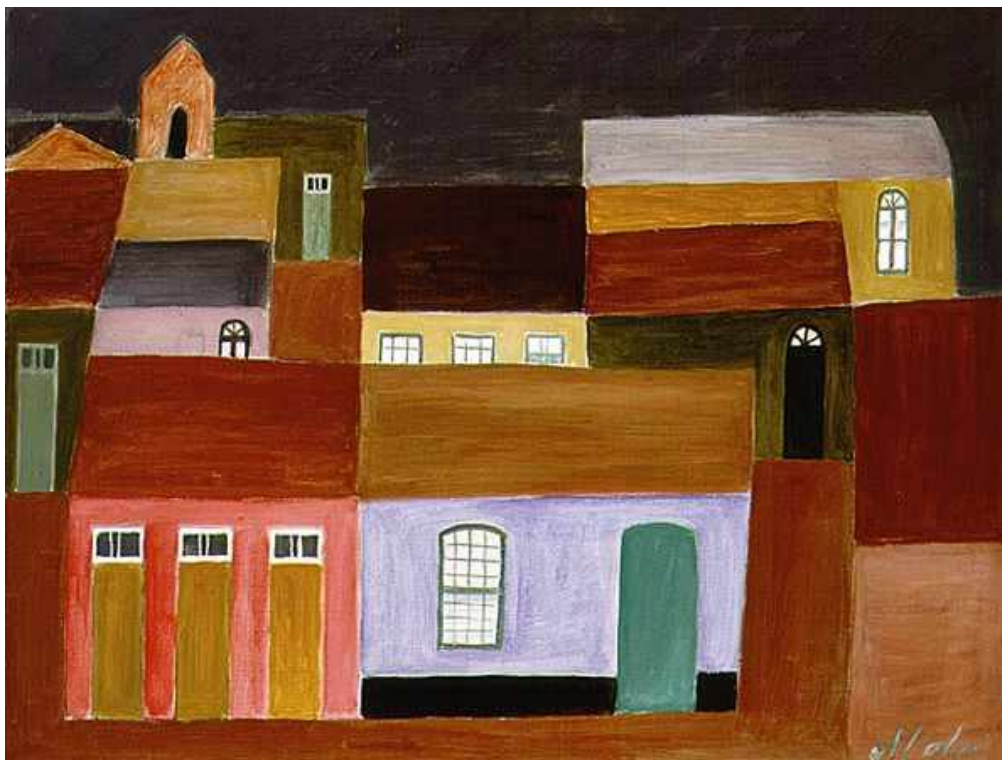
Assim como eu faço na Série Linha, Forma e Cor, Volpi representa o urbanismo de acordo com seu ponto de vista, recriando-o através do abstracionismo geométrico, combinando traços e formas para representar edificações. Além disso, opta pelos tons terrosos em suas composições, representando as formas mais simples de matéria prima através das cores. Consegue representar aspectos urbanos subjetivos e, mesmo direcionando os observadores, deixa livre espaços para imaginação. Como pode ser observado nas imagens a seguir.

Figura 4 - Obra: Casas de Itanhaém, 1948.



Disponível em: <<https://abrilvejasp.files.wordpress.com/2016/12/casas-de-itanhaem-1948.jpeg?quality=70&strip=info&w=774>>. Acesso em: 03 de Nov. 2019.

Figura 5 - Obra: Casario, 1950.



Disponível em: <<https://d3swacfcujrr1g.cloudfront.net/img/uploads/2000/01/005674001013.jpg>>. Acesso em: 03 de Nov. 2019.

Lygia Clark

Lygia Clark nasceu em Belo Horizonte, em 1920, e com 27 anos, casada e mãe de três, mudou-se para o Rio de Janeiro. Iniciou suas obras ali, sob orientação de Burle Marx. Três anos depois, mudou-se para Paris, vivendo lá por uma curta época de dois anos, estudando com importantes nomes como Fernand Léger e expondo suas obras na Galeria do Institut Endoplastique de Paris. Assim que voltou ao Brasil, passou a desenvolver pinturas construtivistas, com uso de preto e branco. Assinou o Manifesto Neoconcreto a fim de estabelecer nova linguagem na arte brasileira e participou da primeira Exposição de Arte Neoconcreta ao lado de grandes nomes como Lygia Pape e Ferreira Gullar.

Pintora e escultora, foi uma das principais fundadoras do grupo neoconcreto, que melhor compreende as relações espaciais do plano. Explorava os planos a fim de desdobrá-los, como pode ser visto em sua obra Bichos. A artista propunha a desmistificação da arte e artista, bem como a desalienação do público espectador, que compartilha a criação da obra. A forma como a artista compunha suas obras, principalmente para a série intitulada “Planos em superfície modulada” se aproxima do meu trabalho, acrescentando referências ao mesmo. A forma como Lygia combina as formas geométricas, criando superfícies planas, com figuras abstratas, tais como as minhas e a paleta de cores sempre com tons mais escuros, ora remetendo a metais e ora remetendo a tons naturais e terrosos.

Lygia tem em suas obras, composições que transitam entre os planos, criadas através de combinações de abstracionismo geométrico. As combinações que ela produziu dão, ao observador, liberdade de imaginação enquanto interpreta. Suas formas, fruto de composições entre traços, instigam o pensamento crítico e a maneira como são dispostas, criam continuidade. Estes aspectos me chamaram atenção em específico da sua série Planos em superfície modulada e, por isso, busquei em minha série, referências concretas e perceptíveis de Clark, estudos de formas e cores, afim de se construir trabalhos tridimensionais em minhas telas.

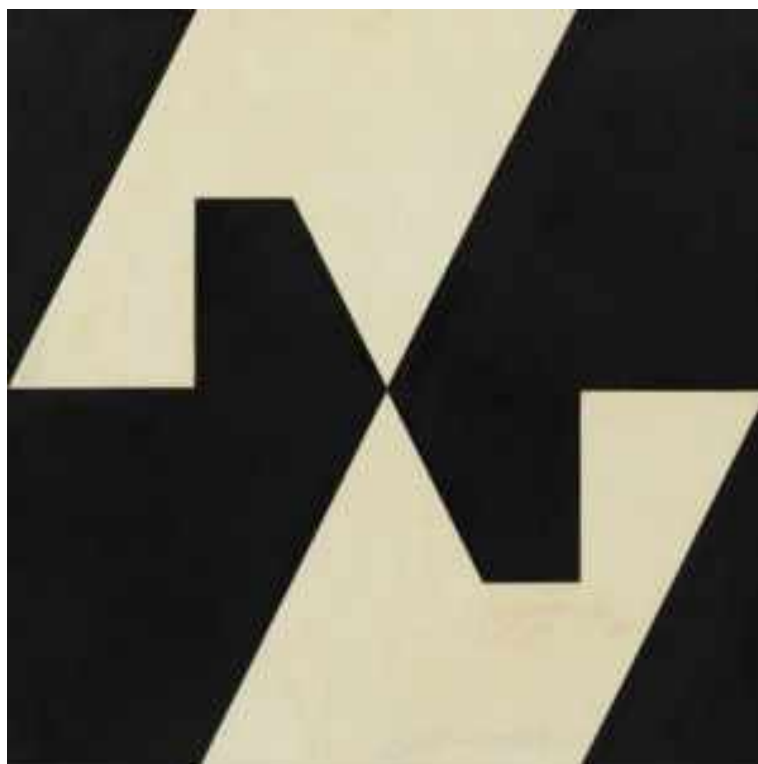
Figura 6 – Obra: Planos em superfície modulada 5, 1957.



Disponível em:

<<https://static.mfah.com/collection/107223.jpg?maxWidth=550&maxHeight=550&format=jpgquality=90>>
Acesso em 13 de Out. 2019.

Figura 7 – Obra: Planos em superfície modulada 4, 1957.



Disponível em: <<https://i.pinimg.com/originals/df/85/b0/df85b0b7be69e821a1c3c0d3a6b480a0.jpg>> Acesso em 13 de Out. 2019.

Figura 8 – Obra: Plano em superfícies moduladas 2, 1956.



Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/_oGlaOi-UlyM/SOUvKVLdNYI/AAAAAAAAABM/LI09QG4Zx_Y/s320/LygiaClark2.JPG> Acesso em 13 de Out. 2019.

Figura 9 - Superfície modulada, 1955.



Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/files.collageplatform.com/prod/image_cache/719x431_fit/556d89b2cfaf3421548b4568/e0636893896310caaf17b150f1409990.jpeg> Acesso em 13 de Out. 2019.

Hélio Oiticica

Hélio Oiticica foi um artista brasileiro: pintor, escultor e performático. Nasceu no Rio de Janeiro, em 26 de julho de 1937. Passou sua infância sendo educado escolarmente pelos pais e, logo após, mudou-se para Washington. Aos 17 anos, iniciou em seus estudos de arte no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Teve suas origens no concretismo brasileiro, em torno da década de 60, com referências no abstracionismo geométrico e neoplasticismo, que dão origem ao Neoconcretismo.

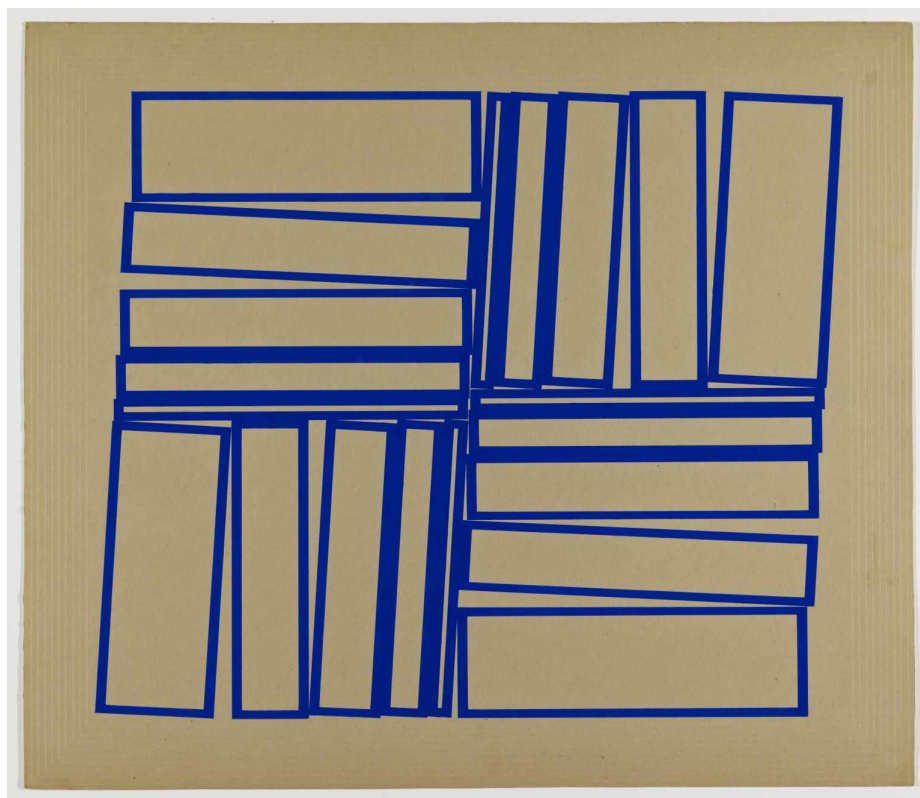
É marcado por duas fases: produção de obras visuais e sensoriais. Oiticica se consagrou com uma arte única, que o diferenciava dos demais. Suas experimentações o colocaram no patamar de artista contemporâneo, inovando o fazer artístico, criando novas formas de fazer arte. Desenvolveu inúmeros trabalhos nas diferentes linhas de performáticas e visuais.

Criou o Parangolé, uma espécie de capa que só revelava suas cores, formas, texturas e mensagens de acordo com o movimento de quem o vestia. Fez o penetrável Tropicália, que com o avançar da música brasileira, consolidou a estética do movimento tropicalista nos anos 60 e 70 no Brasil.

Referente às suas pinturas, tornou-se mestre do guache, que compreende o segmento do pensamento da pintura concretista abstrata. Na série Relevos Espaciais, Oiticica abandona a bidimensionalidade e passa a explorar composições tridimensionais. Suas obras estavam marcadas por dobras, planos, e espaços vazios de uma cor a outra. Desta maneira, os vazios faziam-se mais presente as cores utilizadas, e estas se tornavam o elemento estrutural de suas obras, permitindo a vivência da cor de acordo com a subjetividade do observador.

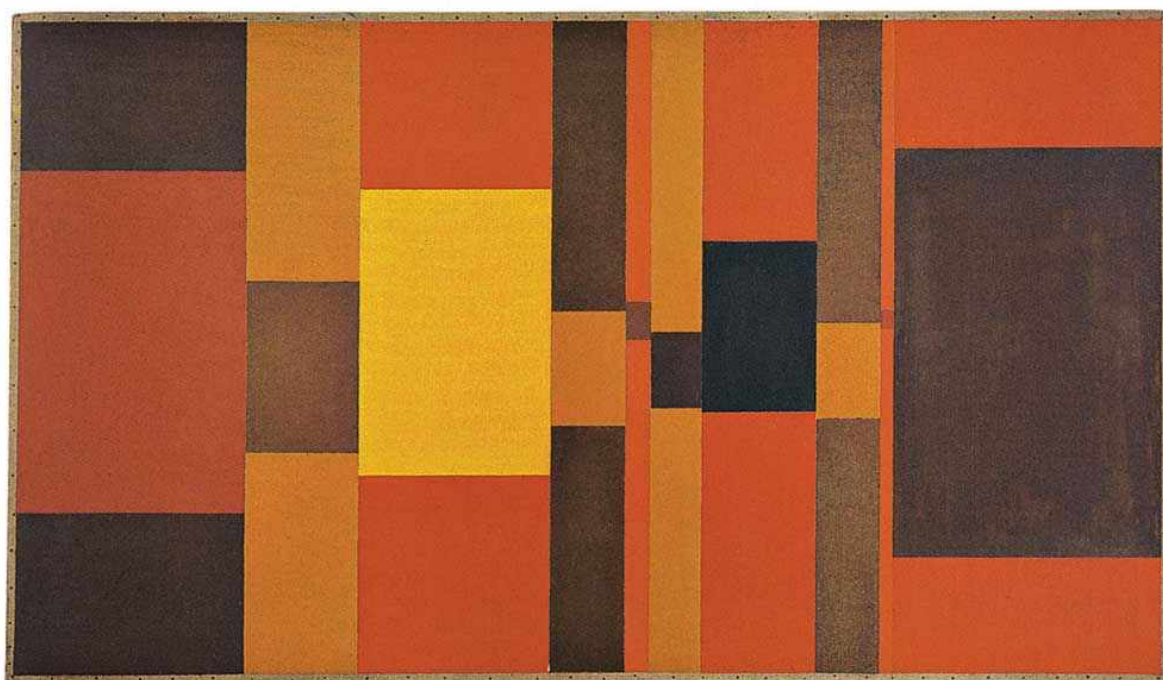
Assim como os demais artistas citados anteriormente, Hélio Oiticica completa o quadro de artistas que são referências em minhas produções pictóricas. A forma como o abstracionismo geométrico é abordado por ele, suas composições para a série Metaesquema que dão forma, a planos em ambientes bidimensionais, compostos por combinações de geometria, linha e forma, é exatamente a linguagem que abordo em minha temática. A exaltação de planos e superfícies, pensadas de forma que combinem e encaixem entre si, bem como a junção de cores a elas agregadas. Como pode ser visto a seguir.

Figura 10 - Título: Metaesquema, 1958.



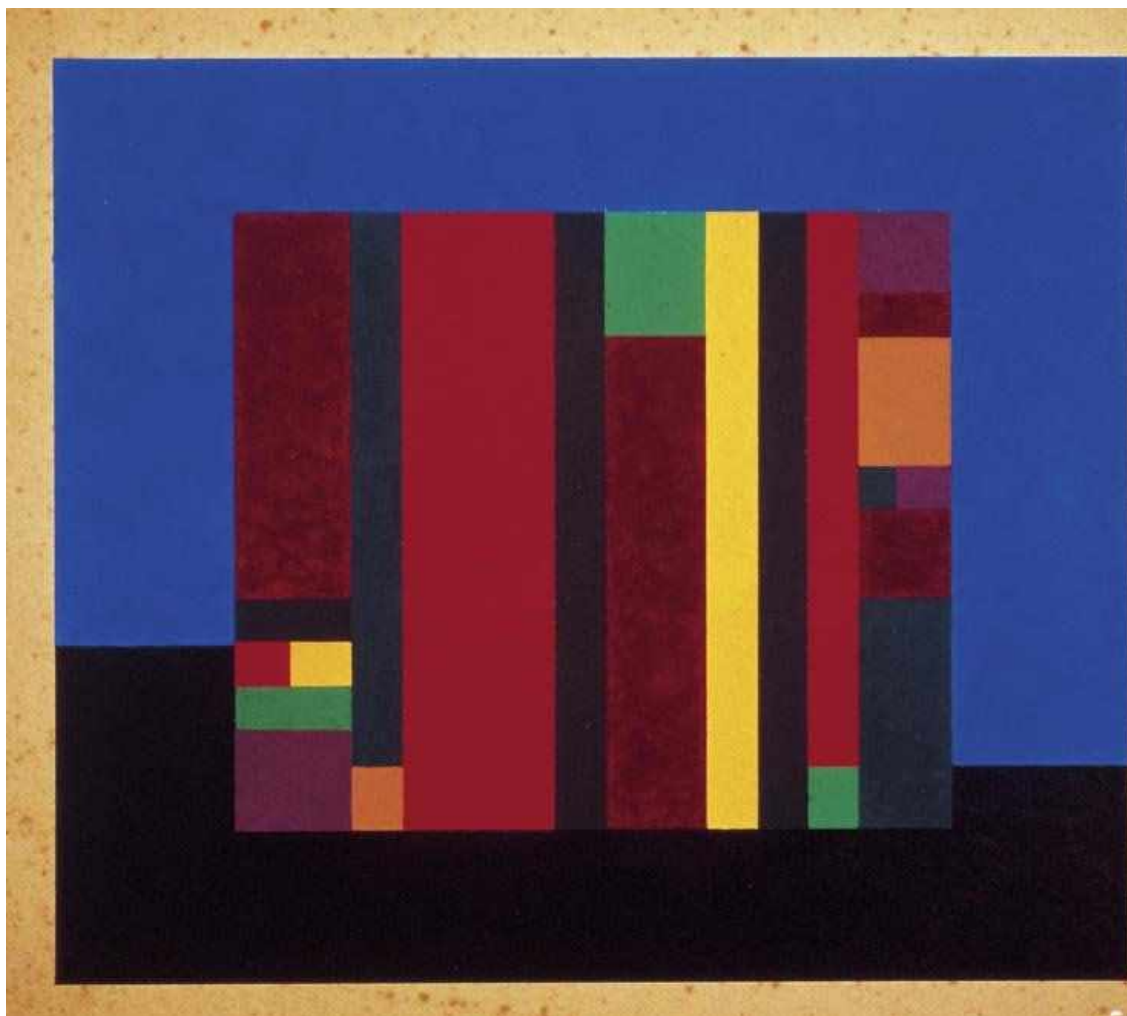
Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/images/work/T/T12/T12418_9.jpg> Acesso em 08 de Nov. 2019.

Figura 11 - Título: Grupo frente, 1956.



Disponível em: <<https://i.pinimg.com/originals/fb/2a/8b/fb2a8bc9c9152a49053ac31533e33d80.jpg>> Acesso em 08 de Nov. 2019.

Figura 12 – Obra sem título, 1956.



Disponível em: <https://www.tate.org.uk/sites/default/files/styles/width-420/public/images/helio_oiticica_untitled_1956.jpg> Acesso em 08 de Nov. 2019.

INSERÇÃO

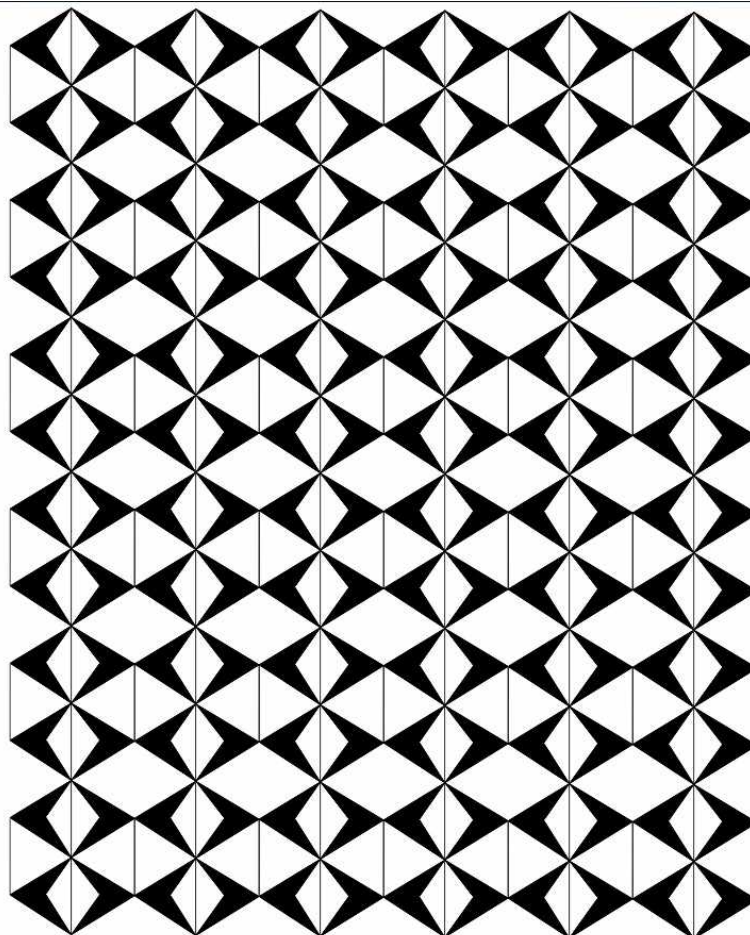
O ingresso no curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia me apresentou para um universo que jamais pude imaginar existir. Lembro de me deparar com a grade horária e ficar extremamente intrigada com as matérias ali descritas, algumas não podia nem ao menos imaginar do que se tratava. Neste âmbito, fui descobrindo novas formas de arte além da pintura e do desenho.

No primeiro período a disciplina de “Fundamentos do Desenho”, com a professora Cláudia França me fez ter certeza, a cada aula, que eu estava no curso certo. A forma com que a professora valorizava o uso da linha, em sua natureza mais pura, do traço reto e preciso, sem excessos, me encantava. Durante esta disciplina não realizei nenhuma produção específica, como geralmente é exigido em algumas outras matérias, mas, através dela, pude aperfeiçoar o traço. A quantidade de formas e meios que exploramos me fez ter, cada vez mais, segurança na execução dos meus desenhos.

Em outras disciplinas como “Fundamentos Tridimensionais e Desenho: Modelo vivo”, descobri novos desdobramentos e possibilidades, técnicas não vistas antes e suas aplicabilidades. Do traço reto e preciso que antes eu valorizava, comecei a enxergar como uma possibilidade de criação através de um emaranhado, traços sobrepostos, repetidos e repetidos diversas vezes, formando um todo de um jeito que nunca havia pensado anteriormente. A partir do arame pude obter formas através de dobraduras e encaixes, uma nova forma de produção, antes explorada apenas com auxílio de lápis e papel. Minha mente se expandia a cada nova descoberta e é certo afirmar, estava sendo apresentada a novos desdobramentos e possibilidades de produção em arte.

Na disciplina de “Criação da Forma”, com o professor Gastão da Cunha Frota, o intuito principal era uma forma que composta por diversas possibilidades e segmentações. Para a realização do meu trabalho final elaborei uma produção de design de superfície: um padrão geométrico com diversos fragmentos, no qual não é permitido encontrar a combinação inicial. Utilizei apenas o preto e branco, para conseguir certa sutileza e simplicidade a obra, e ainda assim, impacto com o contraste e buscando fazer com que o espectador se perca em meio às formas, conforme imagem a seguir:

Figura 13 - Obra sem título, (2016).



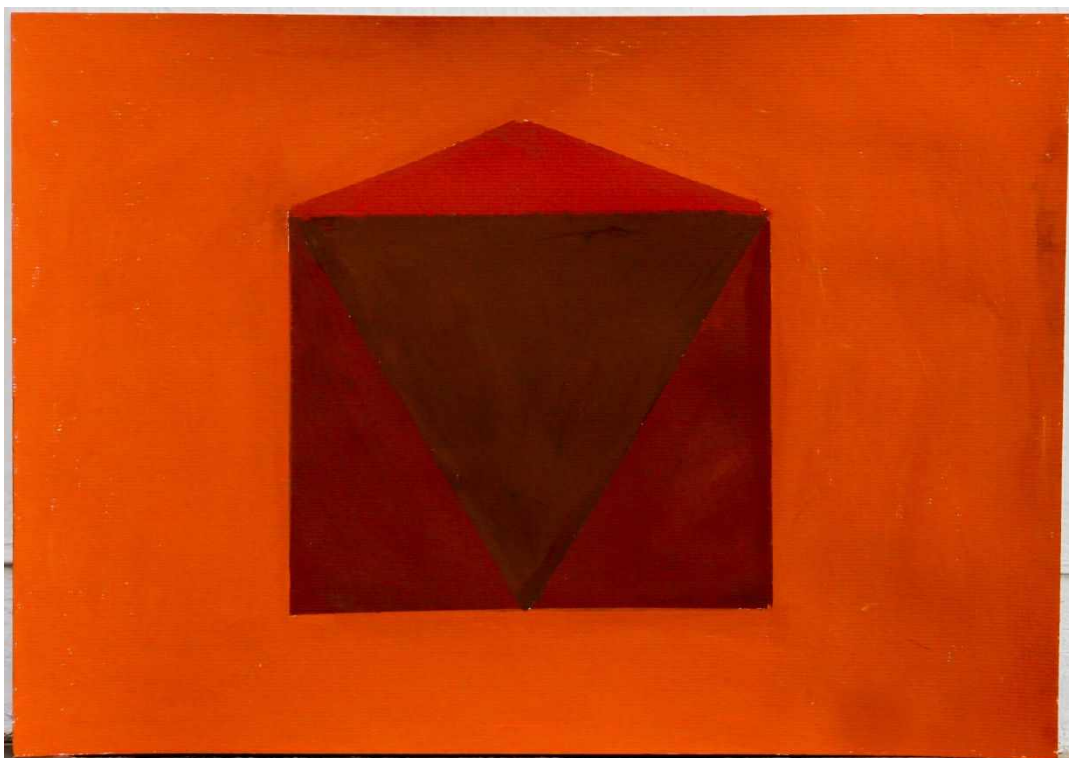
Fonte: Acervo Próprio.

Esta foi a primeira produção em que explorei aplicabilidades diferentes, com o uso de traços para formação de composições de caráter geométrico que se encaixassem e formassem um todo maior e mais complexo. Foi projetada com o intuito de revestimento de superfície.

No período seguinte, na disciplina de ‘Composição e Cor”, ministrada pelo professor Rodrigo de Freitas, tive meu primeiro contato com a cor. De forma exploratória, comecei a descobrir novas composições a partir de combinações. Na infância, misturamos cores primárias de forma grosseira e descobrimos outras novas. Nesta disciplina, desenvolvi a habilidade de construir o tom exato ou mais próximo possível de qualquer cor que nos fosse dado, a partir de combinações. Ao fim do período foi proposta a composição de um trabalho final em pintura e quis então trazer um pouco daquilo que havia aprendido nas disciplinas anteriores. Criei alguns trabalhos a partir de formas geométricas, com o intuito de que estas fossem

referência a figuras encontradas no meio urbano, que se aproximasse de algo como um lar. Optei por utilizar os tons terrosos como paleta, com o intuito de sua combinação remeter a construção, a terra, o processo de transformação. O resultado deste desenvolvimento pode ser visto a seguir.

Figura 14 - Obra sem título (2017).



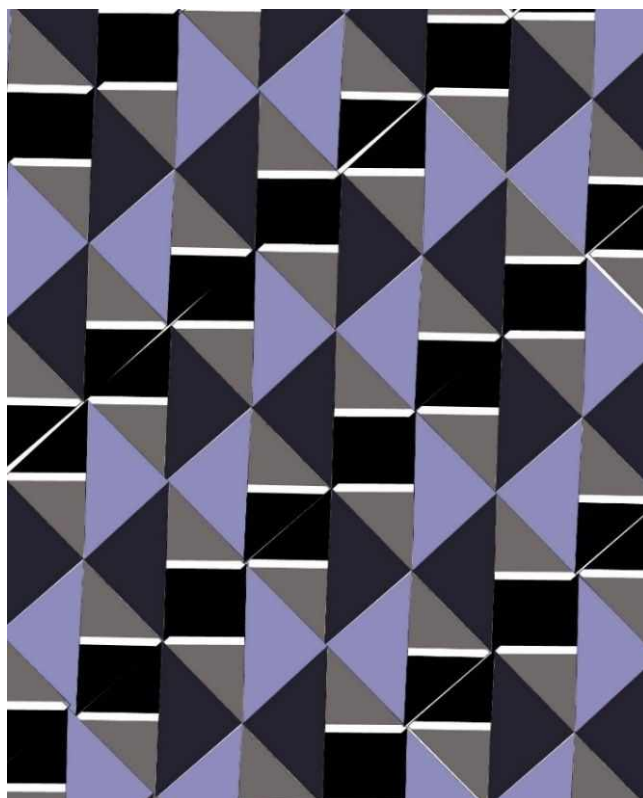
Fonte: Acervo Próprio.

Alguns períodos depois optei pelo “Ateliê de Desenho”, com o professor Ronaldo Macedo. A princípio, nenhuma proposta de projeto me vinha à mente e o professor Ronaldo, sempre muito paciente e solícito, impulsionou-me a descobrir uma produção a qual pudesse trabalhar e desenvolver. A partir de uma de nossas conversas mostrei alguns dos meus trabalhos já produzidos. Naquele momento, fui direcionada a pesquisar mais sobre o trabalho de artistas como Athos Bulcão e Alfredo Volpi, e então encontrei inspiração para produzir. É importante citá-los e falar um pouco sobre o trabalho de ambos, pois estes foram de suma importância para o desenvolvimento da minha pesquisa e trabalho.

Ao me deparar com o trabalho destes ilustres artistas brasileiros, percebi grande semelhança entre meus trabalhos e suas obras. Reuni minhas técnicas e

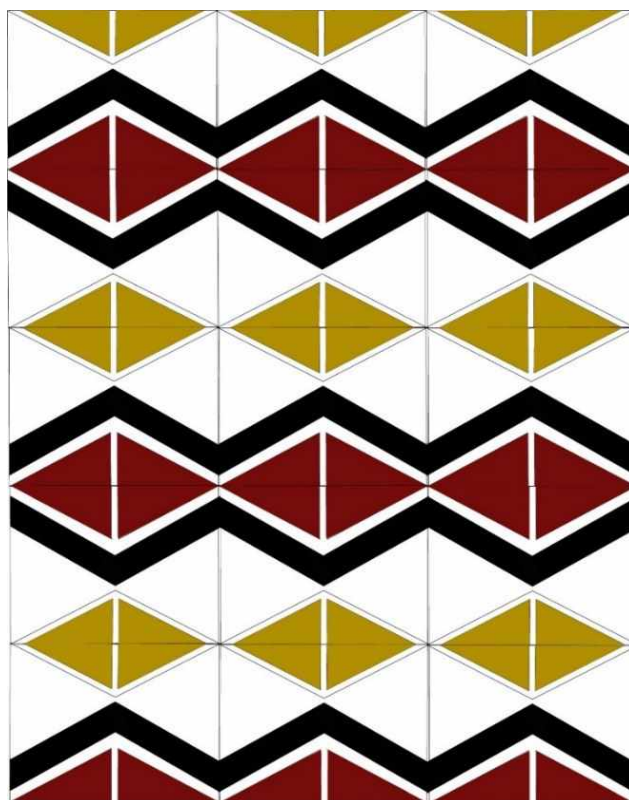
preferências e busquei uma associação com o trabalho de ambos os artistas. Optei pela combinação dos pilares anteriormente citados com a arte gráfica computacional, por meio de um editor de imagens vetoriais, para a realização do meu trabalho final de Ateliê. Minha obra se baseia em desenhos com traços precisos e cores quentes, fugindo um pouco da paleta que já estava habituada (tons escuros e terrosos), através da combinação de cores primárias e após, secundárias, como Bulcão. As formas geométricas foram inspiradas em estampas de vestimentas, associadas com formas advindas de estruturas do meio urbano, uma mescla de composições, partindo da sobreposição de traços e linhas, criando um padrão sem repetição previsível. O intuito dessas produções era para que fossem inseridas em um espaço urbano, características presentes em massa nas obras de Volpi e Bulcão, revestindo uma parede de um local público, espaço cultural, shoppings, ou até mesmo em residências como instrumento decorativo.

Figura 15 - Obra sem título (2018).



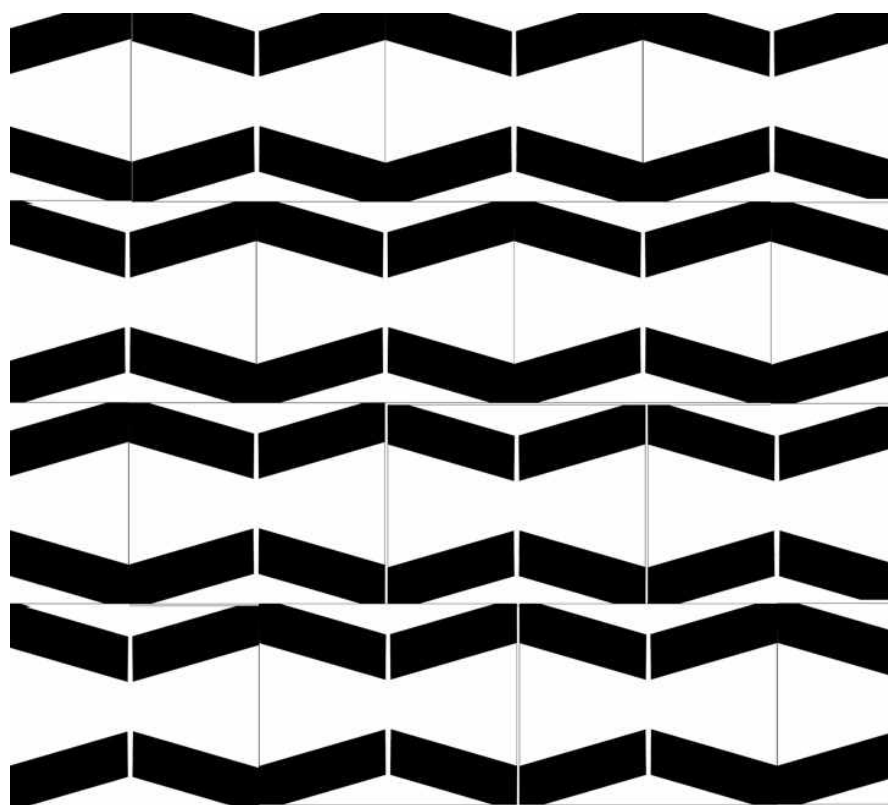
Fonte: Acervo próprio.

Figura 16 – Obra sem título (2018).



Fonte: Acervo próprio.

Figura 17 – Obra sem título (2018).



Fonte: Acervo próprio.

A próxima disciplina que desempenhou papel extremamente importante na minha produção em pintura, ministrada também pelo professor Rodrigo de Freitas, é chamada “Ateliê em Pintura”. Toda a bagagem de conhecimento que acumulei ao longo dos períodos, me levou a continuar explorando cada vez mais essa produção abstracionista geométrica.

Para este ateliê, propus uma série de obras e composições que dariam continuidade a este trabalho com características neoconcretistas. Ao pensar na composição das minhas telas, retomei a paleta de cores com a qual me identifico em trabalhar. Sinto como se, de certa forma, os tons terrosos e escuros fossem características marcantes do meu trabalho. Para a produção realizada ao longo desta disciplina, tomei por referência as artistas Lygia Clark e Hélio Oiticica.

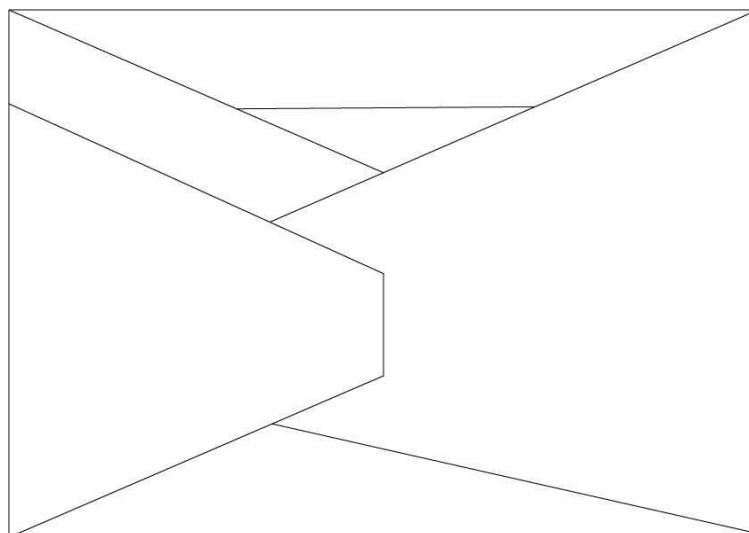
O neoconcretismo foi responsável pelas principais transformações estruturais no campo das artes visuais no Brasil, como a superação dos suportes tradicionais (pintura e escultura), a proposição de novos meios para a criação artística (objetos, ambientes, apropriações etc.) e uma modificação radical na recepção das obras de arte (participação) (SPRICIGO & SILVEIRA, 2005, p. 161).

Desta maneira, ambos artistas remetem a minha preferência e emprego em abstracionismo geométrico, fomentando assim, a influência destes em minha maneira de produzir.

Para a minha produção, optei por criar formas preliminarmente através de um editor de imagens vetoriais, buscando com o auxílio apenas da linha reta. Então quando observava os monumentos, desenhava os fragmentos em papel, e transferia os esboços para o computador. Era feito a elaboração de objetos que se assemelhassem as construções arquitetônicas que eram observadas. A visão era a de que não seria uma construção em caráter de “todo”, que quando observada, fosse possível identificar um determinado monumento. Ansiava apenas fragmentos, pequenos recortes que pudessem ser transformados em objetos que transmitisse uma noção de espaço. Uma obra tridimensional que seria vista em bidimensional. Era uma ideia tão abstrata que me lembro, na época, não conseguir colocar em

palavras o conceito, mesmo tendo ela claramente distinta em minha mente. Abaixo segue o desenvolvimento e resultado desta produção:

Figura 18 - Pré produção. (2018)



Fonte: Acervo próprio.

Encontrei grandes dificuldades, para a reprodução na tela, da linha firme e precisa. Utilizei então, fita adesiva como auxílio, mas ainda assim a tinta transbordava e a linha não ficava perfeitamente reta. Foi necessária a utilização de pincéis finos para contornar e consertar a cena. Nos primeiros quadros é notável a imprecisão das retas soltas. A imagem abaixo é referente a primeira tela produzida para a série.

Figura 19 - Obra: Linha, Forma e Cor 3, (2018).

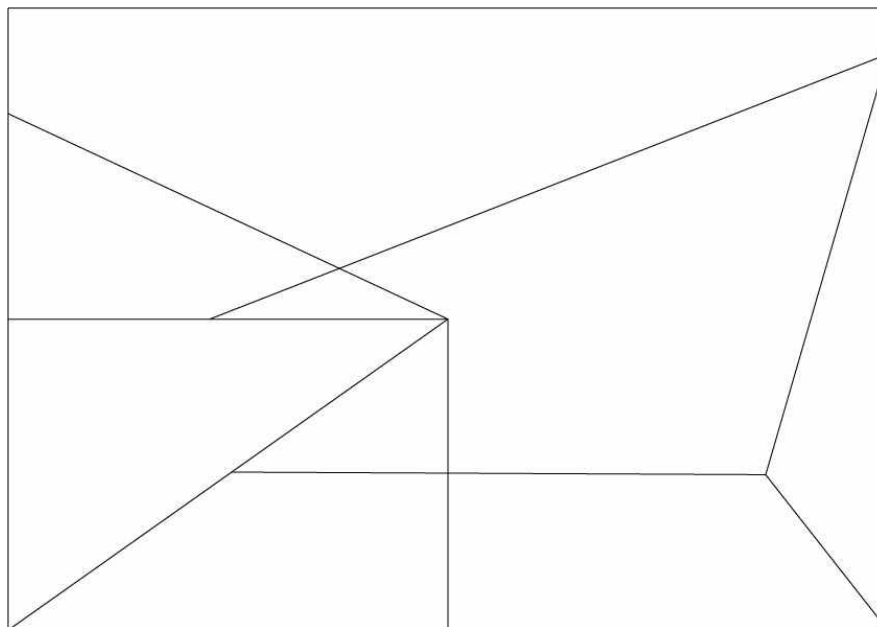


Fonte: Acervo próprio.

Além do traço reto, encontrei dificuldades também com o manuseio da tinta acrílica. Ainda não havia trabalhado com este tipo de tinta e alcançar a homogeneidade parecia impossível. As paletas finais apresentavam sempre um aspecto de aguada, com pouca textura, voltando quase para uma aquarela.

Com o avanço das produções e com mais vivência, os obstáculos foram se dissolvendo. As cores passaram a apresentar um aspecto mais harmônico e a construção da cena começava a tomar um rumo diferente das composições iniciais. Para toda a série optei por uma paleta de cores que remetesse a tons naturais, advindos da natureza, como rocha, madeira, areia e argilas. Acredito que estes tons são essenciais para dar vida e cor e autenticidade a obras que remetem meios urbanos. Assim como Athos e Volpi, acredito que os aspectos urbanos devem remeter à sua origem. Se estes são providos através de elementos obtidos na natureza, logo devem possuir tons de seus elementos brutos. As produções passaram também a apresentar mais traços, gerando composições mais complexas e abstratas.

Figura 20 - Pré Produção (2018).



Fonte: Acervo Próprio.

Figura 21 - Obra: Linha, Forma e Cor 5, (2018).



Fonte: Acervo próprio.

O trabalho para a realização do ateliê foi árduo, pois precisava compreender o objeto de estudo, como eles influenciavam minha produção, e os desdobramentos a partir do referencial artístico e arquitetônico. A série produzida durante o ateliê de pintura me fez sentir satisfação ao final. Fiquei extremamente feliz, enquanto artista, com este trabalho. Avaliando a série, acredito que a construção ficou harmônica, com peças que se relacionam e o conjunto pictórico e estrutural foi muito bem abordado conforme a temática que havia proposto.

Para o trabalho de conclusão de curso, dei continuidade a temática, através de estudos sobre estruturas arquitetônicas e explorando novos materiais de pintura, saindo das minhas escolhas habituais, que até então eram escalas menores, e em acrílica. Optei por utilizar a têmpera vinílica, material mais robusto e de pigmentação mais espessa. E o trabalho também deixará sua escala convencional de 50x50 e terá uma escala maior.

A principal edificação arquitetônica, que considero minha musa inspiradora, e foi a referência para a produção pictórica Linha, Forma e Cor, que será exibida ao final deste trabalho. É encontrada na cidade em que resido, Uberlândia – MG, a

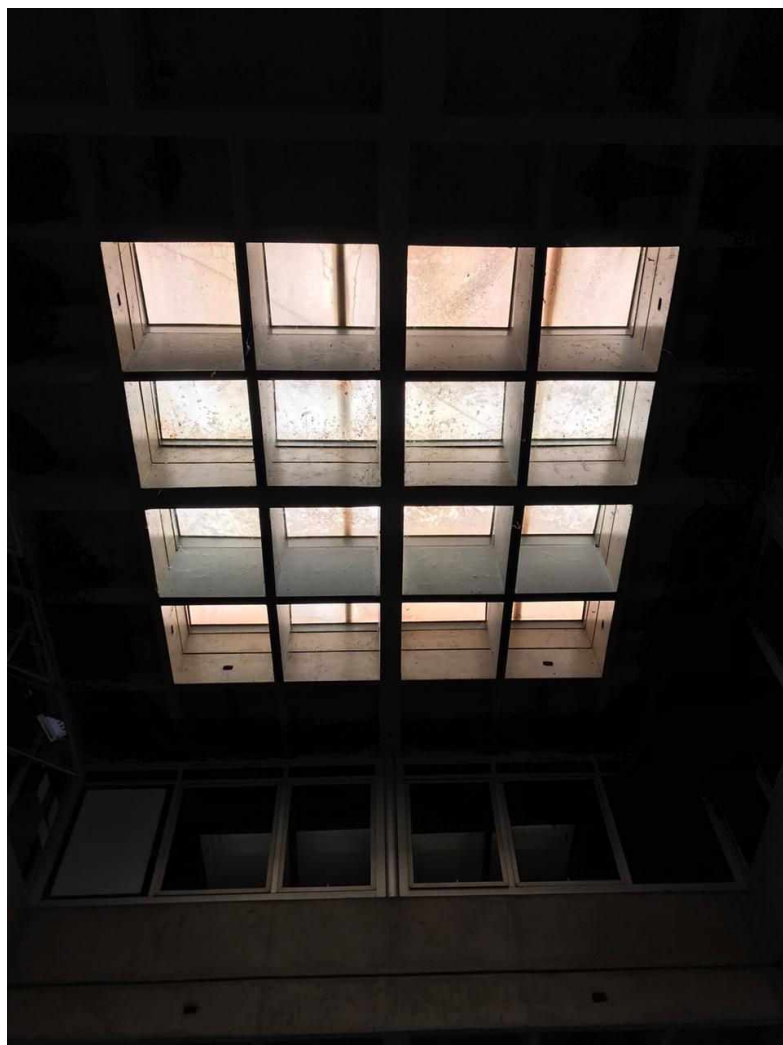
biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia, com sua estrutura retangular repleta de tijolos vazados e sua forma imponente em meio a universidade, composta em sua maioria por blocos de estruturas simples, traz um ar de modernidade ao Campus e promove reflexão individual aos espectadores.

Figura 22 – Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (Perspectivas).



Fonte: Acervo próprio.

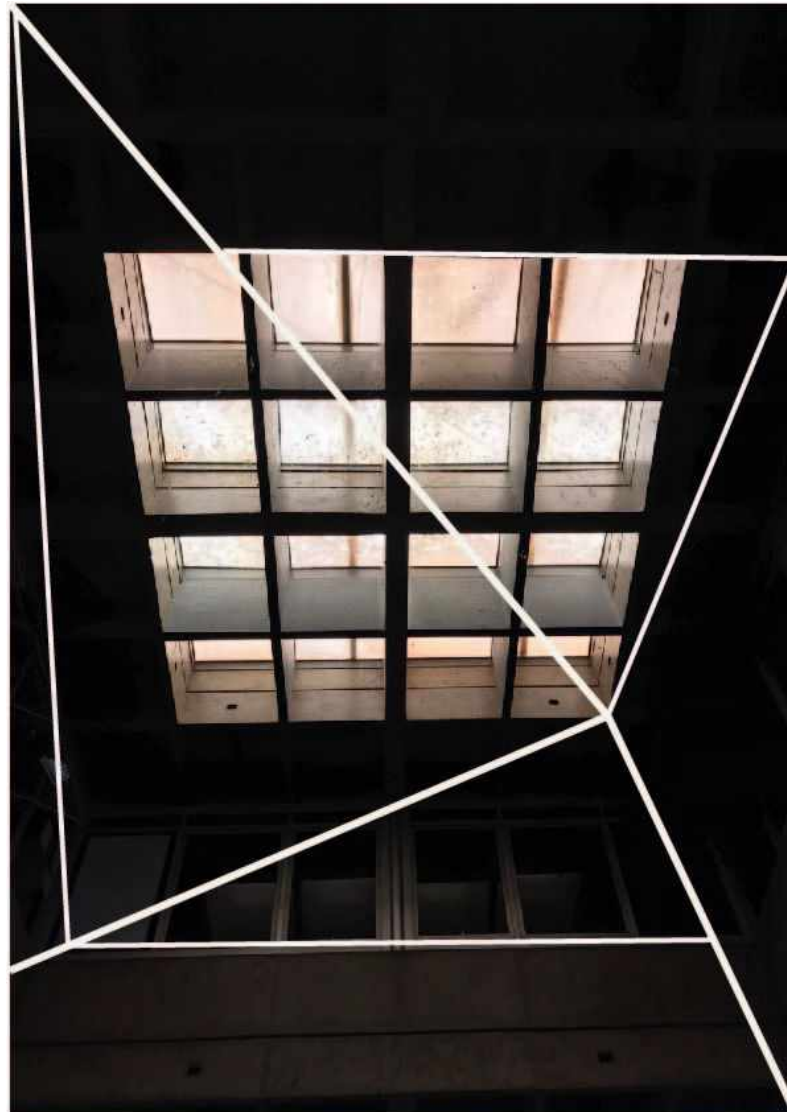
Figura 23 – Teto da Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (Vista interna).



Fonte: Acervo próprio.

Nesta imagem, realizei a captura do teto do edifício, com vista interior, a fim de explorar a luz e sombra do ambiente. Após a captura da imagem ideal, a imagem foi transferida para o programa de manipulação de imagens vetoriais. A imagem a seguir corresponde ao estudo deste local, para a produção pictórica, que vislumbra não permitir que o espectador diga com exatidão a qual objeto ou local se referem, caracterizando objetos não miméticos.

Figura 24 - Estudo da imagem para produção pictórica.



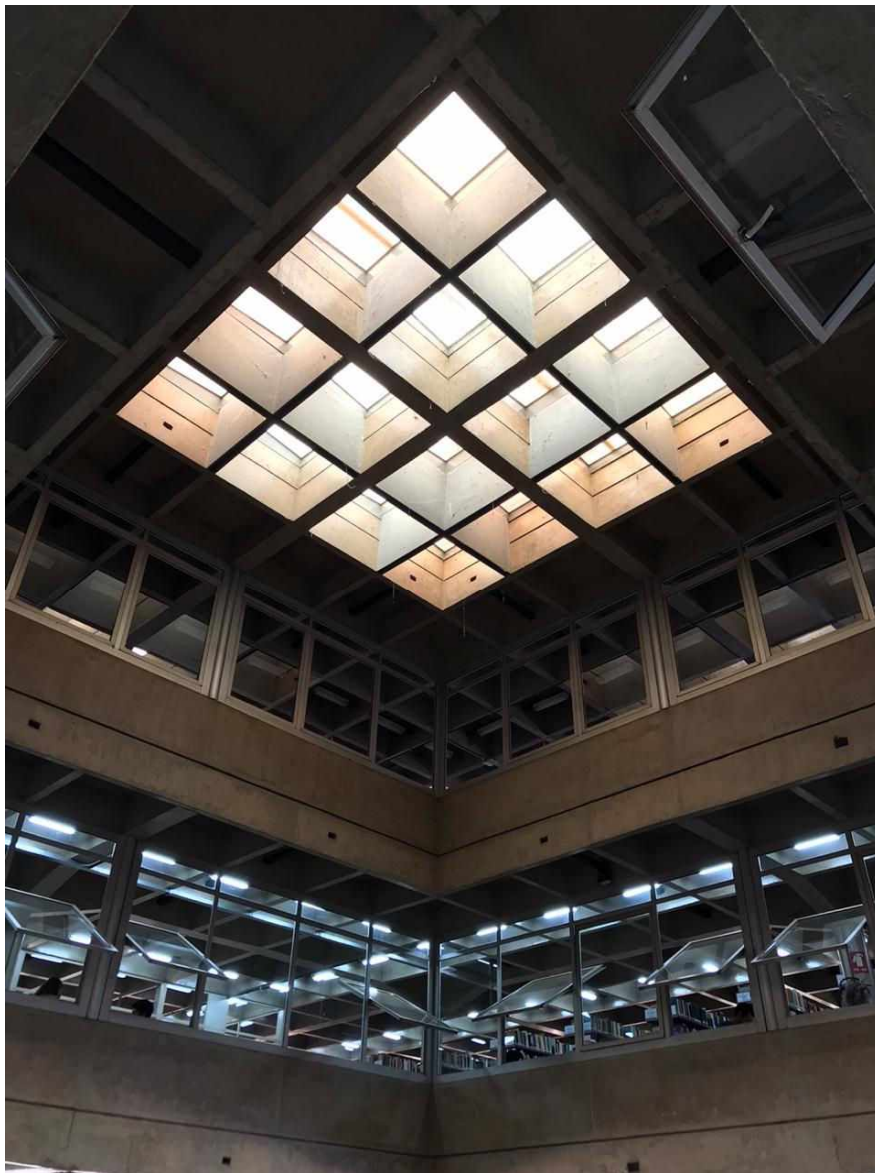
Fonte: Acervo próprio.

Através do programa, linhas retas são dispostas sobre a imagem, explorando seus ângulos não perceptíveis. Ao pensar criticamente sobre esta imagem, explorar os cubículos e quadrados em destaque seria a ação previsível, uma vez que o trabalho foge à previsibilidade e busca perspectivas únicas, o objeto idealizado é justamente o oposto.

A olho nu visualizo a cena como se estivesse através de uma lente fotográfica, enxergando o cenário de forma como se enquadra na perspectiva de frame. Quando idealizo um cenário de composição, gosto de imaginá-lo em preto e branco, assim como se fosse um desenho a lápis sobre papel. Logo a partir daí surgem os traços que compõem minha obra.

Criação de objetos [...] que não se limitam a visão, mas abrangem toda a escala sensorial apreensiva e mergulha de maneira inesperada num subjetivismo renovado, como que buscando raízes de um comportamento coletivo ou simplesmente individual, existencial. [...] Não se trata mais de impor um acervo de ideias e estruturas acabadas ao espectador, mas de procurar pela descentralização da "arte", pelo deslocamento do que se designa como arte, do campo intelectual racional, para o da proposição criativa vivencial [...] (OITICICA, 1979, p. 31)

Figura 25 – Teto da Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (Vista interna).



Fonte: Acervo Próprio.

Figura 26 - Estudo da imagem para produção pictórica.



Fonte: Acervo próprio.

Gosto de explorar o lado em que a sombra se faz mais presente na imagem. Acredito que a escassez abre possibilidades de se criar um infinito de formas e objetos. O lado escuro do ambiente contém um mistério: o que há de oculto por trás da coluna, da parede, a sombra que a luz atravessando a fresta pela janela compõe no piso. Todas essas possibilidades são elementos para composição.

Quando você vê tudo o que é possível exprimir através da fotografia, descobre tudo o que não pode ficar por mais tempo no horizonte da representação pictural. Por que o artista continuaria a tratar de sujeitos que podem ser obtidos com tanta precisão pela objetiva de um aparelho de fotografia? Seria absurdo, não é? A fotografia chegou no momento certo para liberar a pintura de qualquer anedota, de qualquer literatura e até do sujeito (PICASSO, 1939, apud DUBOIS, 1990, p. 31).

Figura 27 - Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (Perspectivas).



Fonte: Acervo Próprio.

Figura 28 - Estudo da imagem para produção pictórica.



Fonte: Acervo próprio.

O referente da fotografia não é o mesmo que os outros sistemas de representação. Chamo de "referente fotográfico" não a coisa facultativamente real a que uma imagem ou um signo remete, mas a coisa necessariamente real que foi colocada diante da objetiva, na falta do que não haveria fotografia. Já a pintura pode fingir a realidade sem tê-la visto [...]. Ao contrário, na fotografia, jamais posso negar que a coisa esteve ali. (BARTHES, 1980. p. 119)

Conforme as imagens acima foram feitos registros dos ambientes explorando a luz, sombra e forma. Assim como as obras de Lygia Clark e Hélio Oiticica, serão produzidas uma série de telas a partir deste referencial fotográfico, explorando e criando segundo as referências. Pode-se notar a presença de tons terrosos e planos tridimensionais vistos em planos bidimensionais. Através das sombras em evidência, sendo estas desfragmentadas, a forma inicial que é vista através do ponto do observador, que remete aos pisos e paredes da biblioteca, compondo e dando vida a um novo elemento geométrico. A partir destas combinações, novas formas serão originadas.

A proposta desde o início é criar um ambiente novo a partir do já existente, visto a olho nu, transformando e recriando no subconsciente. O ambiente urbano que origina uma obra pictórica, que destaca e recria figuras, através da luz, forma, linha, coluna e concreto, tudo aquilo que constitui o monumento arquitetônico.

O esqueleto da obra de arte é originário a partir da estrutura arquitetônica e seus elementos físicos e os não físicos (sombra e luz), o qual é desenvolvido a partir do estudo das linhas retas, criadas a partir do registro fotográfico da ambiência existente. As cores desta nova imagem são escolhidas e pensadas, a partir dos elementos físicos e naturais que constituem a estrutura do edifício, elas compõem uma paleta com tons da matéria prima obtida na natureza.

Os tons de vermelho escuro assim como os tijolos vistos nas fotografias, os tons de amarelo que se assemelham aos tipos de areia, as tonalidades de cinza escuro que mimetizam cores de cimento, piso e concreto, e os tons semelhantes ao verde que caracteriza todo o tipo de madeira, que é utilizado na construção, seja como suporte, ou como parte do edifício.

A finalidade proposta é de originar uma produção pictórica que torna visível os elementos geométricos que são criados e impulsionados pela edificação existente. Ainda, produções que são preenchidas por tonalidades de cores, mimetizando os

elementos físicos que também preenchem e dão vida a este edifício arquitetônico, que se faz presente no campus UFU Santa Monica. Valorização e exaltando a arquitetura local, presente em nosso dia-a-dia.

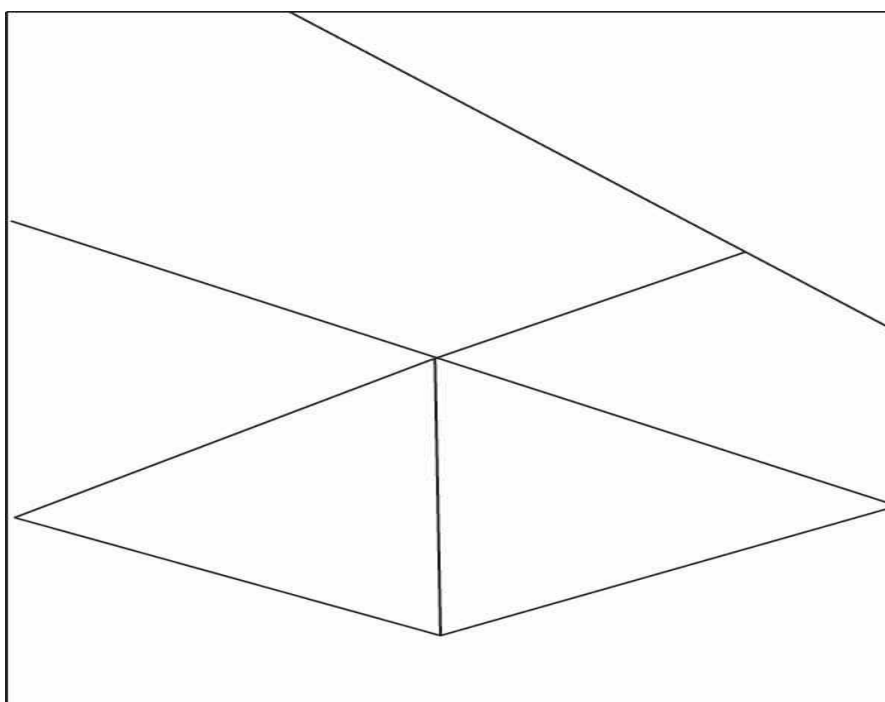
SÉRIE LINHA, FORMA E COR.

Figura 29 - Obra: Linha, Forma e Cor 7, (2019).



Fonte: Acervo próprio.

Figura 30 – Pré Produção - Linha, Forma e Cor 7, (2019).



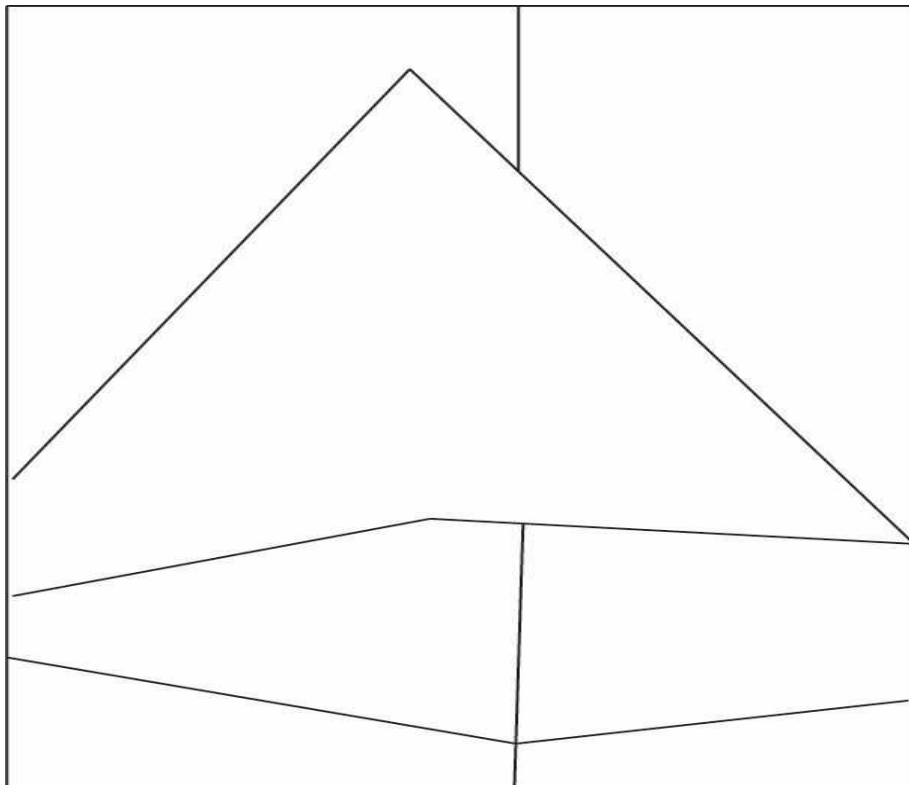
Fonte: Acervo próprio.

Figura 31 - Obra: Linha, Forma e Cor 8, (2019).



Fonte: Acervo próprio.

Figura 32 - Pré Produção - Linha, Forma e Cor 8, (2019).



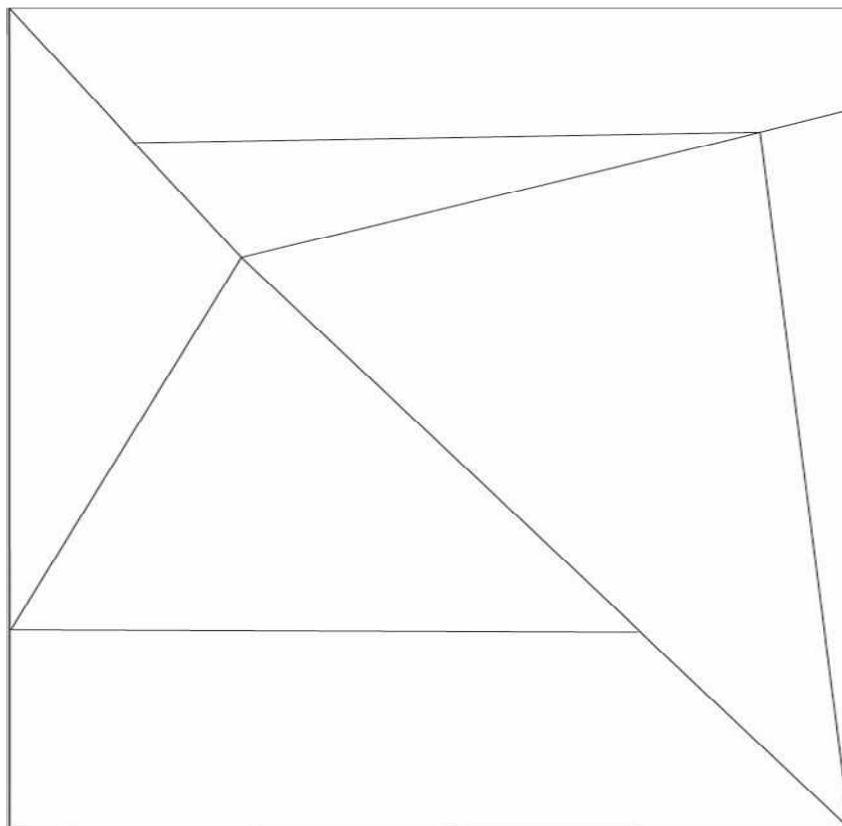
Fonte: Acervo próprio.

Figura 33 - Obra: Linha, Forma e Cor 9, (2019).



Fonte: Acervo próprio.

Figura 34 - Pré Produção - Linha, Forma e Cor 9, (2019).



Fonte: Acervo próprio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho enriqueceu-me como artista. A partir das minhas referências e preferências, desde a minha infância, me empenhei a realizar uma série que envolvesse aquilo que mais tinha afinidade: o meu objetivo, o meu ponto de percepção, aquilo que gostaria de revelar ao mundo enquanto artista visual.

Buscando referências no neoconcretismo, concluí meu objetivo de produzir obras abstracionistas geométricas explorando pontos que marcaram o movimento e meus artistas referência. Combinações obtidas através de linhas delimitam um espaço de criação pré-determinado ao subconsciente. A continuidade desta, mesmo quando sobrepostas, visam propor a ideia de “nem começo e nem fim”, mas de um ciclo, de transformações que acontecem sem perder a essência inicial, da falta de imposição de interpretação.

Em um aspecto urbano, inspirei-me em construções já existentes e busquei nelas, inspiração para criar minhas obras. Pretendo com elas, proporcionar liberdade de interpretação através construções de formas e cores, a bem como as interações propostas em Brasília, realizadas por Bulcão. Ainda, quis remeter a subjetividade entre os planos, bi e tridimensional, tal qual Lygia Clark, sobrepondo minhas composições e colocando sobre meus expectadores a dúvida entre o que é e não é, o que está superior e inferior, anterior e posterior, deixando com que cada um decida, de acordo com seu ponto de vista, a composição das peças finais.

Como Bulcão, acredito que as cores devem ser idealizadas antes mesmo da pintura e buscando a origem do urbanismo, me referenciei em Alfredo Volpi na escolha de tons terrosos para minhas obras. Ora, se estas são de caráter urbano, e o urbanismo é construído a partir de elementos naturais, é mais do que coerente que obras dedicadas a retratar este sejam de acordo com suas origens. Diferentes tipos de tons escuros caracterizando os diferentes tipos de terras, encontradas em diferentes lugares, como lama, areia e áridas, e assim, encontram seus materiais opostos e ao mesmo tempo, complementares, como os metais, representados pelos tons escuros. A junção dos tons terrosos e escuros visam retratar a mudança que o homem impôs nos recursos naturais para construir suas civilizações combinando as

diferentes formas de transformações feitas pela humanidade na natureza ao longo dos tempos.

Assim como Oitica, algumas de minhas obras possuem espaços vazios, em branco, a fim de valorizar as cores utilizadas e dar ao observador a sensação de que algo ainda está para ser preenchido, por ele, por mim, pela sociedade. Sabe-se que a constante evolução traz também novas combinações e que estas são resultados de processos ao longo do tempo. Desta maneira, provocando esta reflexão em meus expectadores, quero impor a eles a necessidade que temos de crescer, evoluir, e assim, preencher, completar aquilo que nos falta.

Ao final deste trabalho, senti imensa satisfação com os resultados. Percebo minha obra com grandes referências do neoconcretismo e acredito ter atingido meu objetivo principal: realizar obras que representam a minha personalidade, vivências e forma de ver o mundo, enquanto artista e enquanto admiradora de obras já existentes.

Finalizo dizendo que, apesar da dificuldade de colocar em produções meus sentimentos enquanto artista, e retratar em palavras aquilo que sentia ao desenvolvê-las, sinto-me hoje mais livre e com a mente expandida. Desejo aos meus observadores que recebam minhas obras com o mesmo entusiasmo que tive ao realizá-las e que, ao serem observadas, proporcionem a liberdade de interpretação de formas e sentimentos que adquiri ao longo do processo.

REFERÊNCIAS

- OITICICA, Hélio. Carta para Augusto de Campos, 16/10/1971. **Fios Soltos: A Arte de Hélio Oiticica**. BRAGA, Paula (org.). São Paulo: Perspectiva, 2007.
- OITICICA, Hélio. **Museu e o mundo**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.
- PEDROSA, Mário. **Mundo, Homem, Arte em Crise**. Aracy A. Amaral (org.), São Paulo, Perspectiva, 1986.
- BULCÃO, Fundação Athos. **Athos Bulcão**. Rio de Janeiro: Fundação Athos Bulcão, 2001.
- BRITO, Ronaldo. **Neoconcretismo: Vértice e Ruptura do Projeto Construtivo Brasileiro**, 1a. edição, Rio de Janeiro: FUNARTE, 1985.
- MILLIET, Maria Alice. **Lygia Clark: Obra-Trajeto**. São Paulo: EDUSP, 1992.
- BIEZUS, Ladi, **Volpi: Pequenos Formatos**. São Paulo: Círculo do Livro, 2016.
- BARROS, Geraldo de. **Fotoformas**. Fotografias. São Paulo: Raizes, 1994.
- BARROS, Lilian Ried Miller. **A cor no processo criativo: um estudo sobre a Bauhaus e a teoria das cores**. São Paulo: Editora Senac, 2009.
- FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das Cores em Comunicação**. São Paulo: Ed. Edgard Blucher, 1986.
- KANDINSKY, Wassily. **Ponto e linha sobre plano: contribuição à análise dos elementos da pintura**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ALBERS, Josef; CAMARGO, Jefferson Luiz.; MUNARI, Bruno. **A interação da cor**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- MARCONDES, Marco Antônio. **Grandes Artistas Brasileiros: Alfredo Volpi**. São Paulo: Art Círculo do Livro, 1985.
- OITICICA, Hélio. **Aspiro ao Grande Labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- JACOPO, Arnaldo Farias e. **Athos Bulcão Compositor de Espaço**. São Paulo: Fundação Athos Bulcão, 2009.
- BEUTTENMULLER, Alberto. **Volpi, Ianelli, Aldir 3 Coloristas**. São Paulo: Iob, 1989.

IPHAN. **Inventário do Conjunto da Obra de Athos Bulcão em Brasília: Inbmi.** Brasília: Iphan, 2010.

READ, H. **Uma História da Pintura Moderna.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

OITICICA, Hélio. **A transição da cor do quadro para o espaço e o sentido de construtividade.** In. ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos.* São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CLARK, T. J. **A pintura da vida moderna: Paris na arte de Manet e de seus seguidores.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LICHTENSTEIN, Jacqueline. **A pintura: textos essenciais.** 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2007.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DONDIS, Donis. **A Sintaxe da linguagem visual.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.